



ECONOMIA

ORDEM DOS CONTABILISTAS ESPECIAL

Contabilistas ao rubro na eleição mais disputada de sempre

Os contabilistas certificados escolhem esta semana o seu novo bastonário naquelas que são as eleições mais concorridas de que têm memória, com polémicas à mistura e, até, acções em tribunal.

FILOMENA LANÇA
filomenalanca@negocios.pt
ELISABETE MIRANDA
filomenalanca@negocios.pt

Uma instituição mais transparente, com menos despesa, com um melhor e mais adequado controlo de qualidade, com mais e melhores relações com o Estado. Os quatro candidatas a bastonário da Ordem dos Contabilistas certificados (OCC) que vão a votos esta quarta-feira, 20 de Dezembro - Paula Franco, pela Lista A, Filomena Martins da lista B, Lopes Pereira, lista C e José Araújo, lista D -, seguem um guião muito próximo e têm preocupações semelhantes, embora divirjam nos caminhos que apontam. Isso não evita, no entanto, que estas, além de serem as eleições mais concorridas e disputadas de sempre entre a classe, sejam também as que mais polémicas têm levantado.

A mais recente teve a ver com os níveis de vencimento praticados na Ordem, não só entre os cargos exe-

cutivos, mas também relativamente a órgãos não executivos, como os ocupados por Rui Rio ou Manuel dos Santos, tradicionalmente pagos apenas através de senhas de presença. Todos os candidatos vieram entretanto já dizer que os vencimentos são altos e têm de ser revistos.

Antes, uma acção em tribunal colocada pela Lista A por alegadas irregularidades nos processos de candidatura lançara a confusão, levando os restantes candidatas a acusarem a candidata da Lista A de querer "ganhar na secretaria" (Lopes Pereira e Filomena Martins) e de ser "pouco democrática e revelar medo de ir a votos" (José Araújo). Não é conhecida ainda qualquer decisão judicial, mas a existência do processo coloca uma espada por cima de quem seja eleito, uma vez que as eleições podem vir a ter de ser repetidas.

Ruptura com o passado?

Há já várias semanas que os mais de 70 mil membros da OCC têm vindo a votar por correspondência. A 20 de Dezembro acontece a vota-

ção presencial e, se nenhum dos quatro candidatos conseguir a maioria, terá de haver uma segunda volta. Nenhum quer ouvir falar disso e uma coisa que todos têm em comum é a defesa de que a sua é uma candidatura a olhar para o futuro, numa instituição que tenta deixar para trás a sombra de Domingues de Azevedo, o seu histórico líder, falecido no ano passado.

Mesmo Paula Franco, que foi assessora da actual bastonária, Filomena Moreira, a qual é agora candidata a sua vice-presidente. Paula Franco promete "manter o que de bom foi feito, respeitar o legado e fazer mais e melhor", mas "trazendo muita renovação". E recusa que, como ela própria diz, a colem "a tudo o que de mal foi feito" quando nunca teve "nenhuma responsabilidade orçamental e financeira na ordem".

"É muito fácil dizer que quero uma ordem mais transparente, como diz a lista A. Mas então a candidatura a bastonária não esteve a assessorar a falta de transparência?", contrapõe Lopes Pereira. O tom é de campanha e não surpreende. José Araújo garante que também ele está "de olhos no futuro" e que não há no



A votação por correspondência já está a decorrer há algumas semanas. O voto presencial é e

“

A minha candidatura é totalmente independente [mas] há pessoas que não querem perder as ligações privilegiadas que têm com a Ordem.

FILOMENA MARTINS
Candidata da Lista B

O acto da Lista A [processo judicial] é pouco democrático e representa medo de ir a votos. É inaceitável que seja o tribunal a decidir [as eleições].

JOSÉ ARAÚJO
Candidato da Lista D

”

seu programa eleitoral "uma continuidade de pensamento" com o registo actual. Por essa mesma razão, Filomena Martins insiste em que a sua é uma candidatura "totalmente independente", sem ligações à OCC, agora ou no passado". O problema, acusa, é que "há pessoas que não querem perder as ligações privilegiadas que têm com a Ordem".

Melhor relação com o Fisco

A relação com as entidades públicas, nomeadamente com a Autoridade Tributária e Aduaneira (AT) é uma das preocupações comuns aos vários candidatos. Há uma ideia mais ou menos comum de que a OCC tem vindo a perder poderes de persuasão junto das Finanças, o seu principal interlocutor.

O controlo de qualidade é outro tema que todos põem em cima da mesa. "Tem de ser credibilizado", advoga Filomena Martins, que propõe "um controlo a pedido dos contabilistas, que assim poderão obter um comprovativo da qualidade do seu desempenho". Hoje em dia o contro-



Bruno Simão

Uma instituição apetecível com 20 milhões para gerir

Sendo uma das maiores ordens profissionais do País, a OCC tem um orçamento anual de 20 milhões de euros para gerir. Órgãos sociais amealham um milhão.

Duas décadas depois de ter sido criada, a Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC) é hoje em dia uma organização poderosa, com grande capacidade de intervenção pública e à volta da qual gravitam várias figuras influentes. Parte da sua força é justificada com a sua dimensão (tem ao todo 70 mil associados, o que a transforma numa das maiores ordens profissionais do País) mas também com o seu orçamento.

A OCC gere um orçamento generoso, de 20 milhões de euros por ano e, entre os raros pontos que aproximam os quatro candidatos a bastonário, sobressai a questão da transparência: é preciso explicar melhor para onde vai o dinheiro e ser mais selectivo. A grande fatia das receitas é preenchida com quotas (cerca de 10,5 milhões de euros, segundo o plano orçamental para 2017) e com receitas da formação (6,8 milhões de euros). Do lado da despesa, os vencimentos do pessoal pesam com 4,7 milhões de euros, sendo que, só os órgãos sociais são responsáveis por um terço desta verba. Trata-se de um valor elevado, que não se encontra detalhado nos relatórios e contas e nos orçamentos – não se sabe como é que este bolo se reparte entre a Assembleia Geral (AG), o Conselho Superior, o Directivo, o Fiscal e o disciplinar, e muito menos existe informação sobre a remuneração individual de cada cargo. Foi por isso com aparente surpresa que esta semana os candidatos receberam a notícia sobre quanto ganham Manuel dos Santos (eurodeputado do PS) e Rui Rio (candidato à liderança do PSD) por serem respectivamente presidente e vice-presidente da AG.

Outra rubrica com alguma dimensão e que não se encontra detalhada é a dos honorários, um

bolo de mil milhões de euros de onde sai o dinheiro para formadores e que é uma área que, acusa o candidato Lopes Pereira “está refém de interesses, pessoais e de algumas escolas”.

Paula Franco, candidata que trabalhou durante anos como assessora dos bastonários, é a primeira a reconhecer que a informação publicada não é suficiente. “Não conheço [a situação financeira], diz ao Negócios, acrescentando que, “do que é público, sei que se fizeram investimentos avultados e é preciso apurar da sustentabilidade da OCC”. Estes “investimentos avultados” ascenderão aos 10 milhões de euros, segundo Lopes Pereira, e “estão a trazer estrangulamentos da tesouraria”. Ressalvando que será preciso conhecer a situação por para tomar decisões, Filomena Martins aponta por exemplo o caso “da nova sede no Porto, que custou sete milhões e que era suposto ser rentabilizada, mas o espaço não está a ser aproveitado”.

É por isso que, resume José Araújo, “temos de reduzir gastos, reequacionar investimentos e reduzir a dívida, redireccionando a OCC para os serviços aos membros”. ■ EM/FL

1 MILHÃO DE EUROS é o orçamento anual destinado aos órgãos sociais da OCC. Todos os candidatos acham que os gastos são exagerados.

sta quarta-feira, 20 de Dezembro.

lo é feito por sorteio e por outros contabilistas “em concorrência directa com os colegas que controlam”, refere. Já José Araújo quer que passe a ser “baseado no Manual do Contabilista e assente em procedimentos e não no conteúdo”. Deve deixar, sobretudo, “de ser punitivo”, entende Paula Franco, que quer mudar-lhe o nome para “certificação de qualidade”. O controlo de qualidade “é fundamental, mas tem de ser reformulado”, admite também Lopes Pereira, que defende: “um bom sistema informático permitir-nos-ia fazer um controlo mais célere e alargado.

Mas a lista de propostas dos quatro candidatos é longa e passa por temas como o acesso à profissão, a formação profissional – quem a deve dar é um dos pontos sempre debatidos – ou melhores condições para os contabilistas, por exemplo a existência de férias fiscais o a criação da figura do justo impedimento para quando não podem, de todo, cumprir as obrigações a que estão obrigados em nome dos seus clientes. Ou, também, a criação de uma fundação, não só para gerir os bens da OCC, mas para acudir a profissionais que precisem de apoio financeiro.

Pouco debate de ideias?

Apesar dos “olhos postos no futuro”, uma coisa de que todos os candidatos se queixam é do reduzido debate de ideias na campanha. “Devia ser uma campanha mais construtiva, mas o que acontece são ataques pessoais e alguma falta de respeito”, lamenta Filomena Martins. Esta é, aliás, uma opinião comum aos vários candidatos. “Fico triste e não me revejo nisto tudo que se está a passar. Afinal somos todos pessoas educadas”, diz, por seu turno, José Araújo. Lopes Pereira concorda: “Sinto-me até um bocado envergonhado”, diz, retirando, contudo, a sua candidatura desta equação. “São os interesses. Se o interesse maior fosse a profissão, os problemas da profissão, discutíamos ideias. Quando se ultrapassa esta dimensão, discute-se tudo o que seja possível levar-nos ao poder”, remata.

“Há muitos interesses envolvidos”, lamenta também Paula Franco. “Interesses financeiros, o dinheiro fala muito alto. São 20 milhões de euros de orçamento por ano para se gerir e partilhar com muita gente”. ■

“

Se o interesse maior fosse a profissão, discutíamos ideias. Quando se ultrapassa esta dimensão, discute-se tudo o que seja possível levar-nos ao poder.

LOPES PEREIRA
Candidato da Lista C

Há muitos interesses envolvidos. São 20 milhões de euros de orçamento por ano para se gerir e partilhar com muita gente.

PAULA FRANCO
Candidata da Lista A

”



ID: 72720849

18-12-2017

ORDEM DOS CONTABILISTAS **ESPECIAL**

Um guião para conhecer os quatro candidatos a uma das maiores ordens do país

Pedimos aos quatro candidatos a bastonário da Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC) que nos respondessem brevemente a cinco perguntas, formuladas de igual maneira a todos. Os resultados são um bom guião para comparar o pensamento de cada um, as suas prioridades e a forma como se posicionam face aos concorrentes directos. Confira aqui as posições de Paula Franco (lis-

ta A), Filomena Martins (lista B), Lopes Pereira (lista C) e José Araújo (lista D), os quatro candidatos a bastonário nas eleições do próximo dia 20 de Dezembro.

ELISABETE MIRANDA elisabetemiranda@negocios.pt

FILOMENA LANÇA filomenalanca@negocios.pt

PAULA FRANCO
LISTA A



FILOMENA MARTINS
LISTA B



LOPES PEREIRA
LISTA C



JOSÉ ARAÚJO
LISTA D



PERGUNTAS

O que é que a Ordem dos Contabilistas tem de melhor?

A sua estrutura, a sua capacidade para servir os membros. Também o manancial de conhecimento que quer a OCC quer os seus membros têm.

O poder que tem em termos de conseguir o reconhecimento da profissão e da sua importância junto da sociedade. A Ordem dos Contabilistas Certificados já teve esse poder, que agora se perdeu. Não existe.

A capacidade de compreender a realidade económica do país e de estar a ajustar permanentemente a profissão às suas necessidades, às necessidades da economia e às necessidades de resposta à fiscalidade. E é a riqueza dos seus membros que permite isto.

Estatuto e dimensão. Somos mais de 70 mil e isso indicia que há uma grande integração na sociedade e na actividade económica, nas PME e nas grandes empresas. Uma presença transversal nas organizações e em diferentes cargos e funções.

Qual é o pior legado que o futuro bastonário recebe?

Uma classe que se encontra enfraquecida pelo excesso de trabalho. Será difícil contrariar a tendência dos últimos tempos que tem levado a uma diminuição da qualidade de vida dos contabilistas por causa do excesso das obrigações fiscais.

As deficientes relações com os principais organismos do Estado, da Autoridade Tributária e Aduaneira à Segurança social. Vai ser uma grande batalha lutar pelos nossos direitos e isso até agora não tem sido conseguido.

O divórcio entre os membros e a instituição, que ocorre porque a OCC nem sempre foi capaz de perceber as necessidades dos membros e de estar próximos deles - além do desgaste que provoca ter tido um timoneiro à frente durante tantos anos.

A submissão à Autoridade Tributária e Aduaneira. Começámos como parceiros e acabámos como subordinados. Éramos ouvidos, mas isso deixou de acontecer ao longo dos tempos. Fomos perdendo autoridade e voz.

Se for eleito/a, qual é a primeira medida que toma?

Devolver qualidade de vida aos contabilistas, abrir as contas da ordem e divulgá-las aos contabilistas e dar informação sobre tudo o que se faz na ordem aos contabilistas.

Reunir com os diversos responsáveis, para me inteirar de tudo. Sem esse estudo prévio, não é possível tomar grandes decisões. Como candidata há muitas coisas a que não tenho acesso e analisar a situação só pelos relatórios e contas não é suficiente.

A libertação dos lóbis e dos interesses instalados na instituição, principalmente na área da formação que vão tornando a OCC cada vez mais refém de um núcleo restrito de pessoas. Isso passa por rever contratos, parcerias e protocolos.

Reformular a relação com a AT e reorganizar económica e financeiramente a Ordem, que, tendo um orçamento de 20 milhões de euros, tem dificuldades em pagar compromissos correntes.

Qual dos outros candidatos não se importaria que estivesse na sua lista e porquê?

Nenhum porque não me oferecem confiança nem credibilidade para tal. Na minha lista as pessoas foram escolhidas pelas suas características de serviço à Ordem e aos contabilistas e não para se servirem da Ordem.

Não queria nenhum. Todos têm os seus prós e contras, mas a principal razão para esta minha opção é que todos eles, de uma forma ou de outra, têm alguma ligação à Ordem, actualmente ou no passado. E a minha é uma lista independente, constituída apenas por contabilistas.

O José Araújo (lista D) porque, embora tenhamos diferenças substantivas relativamente à forma como vemos a profissão, há muitos pólos comuns que eram susceptíveis de fazer pontes.

Na minha lista gostava de ter todos os acrescentassem valor ao projecto, pelo que não me importava de ter qualquer um deles. Porque todos têm qualquer coisa de bom a acrescentar. Sendo bastonário, conto com pessoas de outras listas.

Porque é que um contabilista deve votar em si?

Porque represento a credibilidade, a confiança, a competência e a transparência.

Por todo o percurso que tenho feito e do qual já dei provas, e porque tenho ideias inovadoras. E, ainda, pelo facto de esta ser uma candidatura independente, constituída por contribuintes e para contribuintes.

Porque é a equipa melhor. Não estamos ligados a nenhum lóbi, nenhum interesse, e somos todos contabilistas certificados em exercício efectivo de funções - e isso faz toda a diferença. É por isso que a nossa proposta assume um grau de compromisso maior.

Porque sei o que sofrem e conheço os problemas objectivos da profissão, porque vivi muitos anos essa realidade. Sei como lhes dar resposta e tenho uma visão de longo prazo para a profissão.